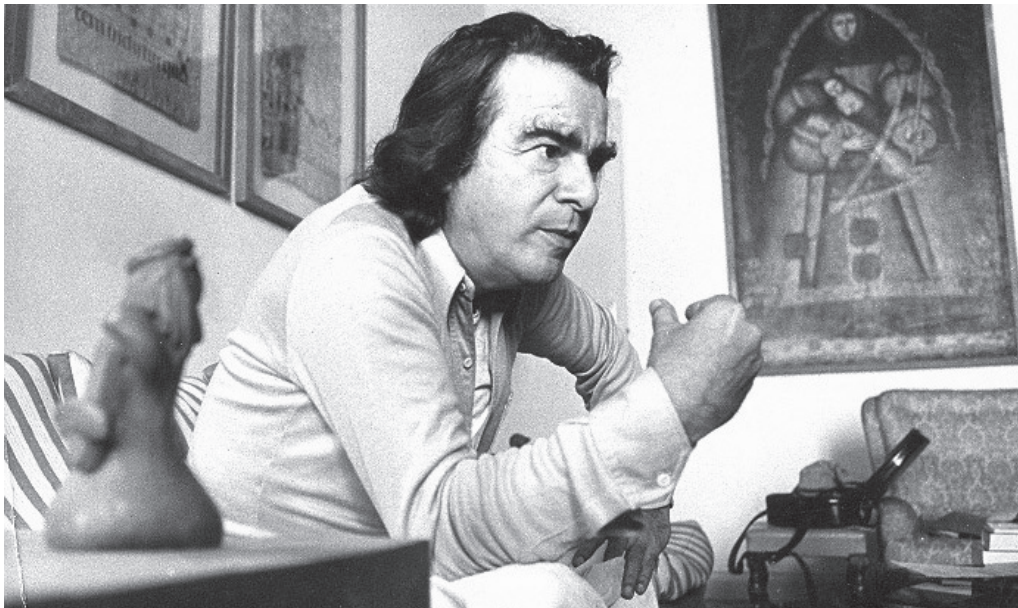


Correspondência entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro (1960 a 1966)

YOLANDA LÔBO

APRESENTAÇÃO

A correspondência entre Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira inicia-se em 1960, ocasião em que Darcy assume o cargo de vice-diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), e torna-se mais regular nos primeiros meses do seu exílio no Uruguai. Darcy guardou não somente cópias das cartas enviadas a Anísio Teixeira como também as que dele recebeu. Apesar dos obstáculos que a condição de exilado de Darcy colocava aos seus interlocutores e amigos, a correspondência entre os dois, a partir de dezembro de 1964, somente foi possível com a ajuda do antropólogo norte-americano Charles Wagley. Algumas cartas escritas por Anísio Teixeira, neste período, foram dirigidas a *Marcos*, pseudônimo de Darcy, e outras a sua esposa Berta Ribeiro. Inéditas, as cartas de Anísio para Darcy que aqui publicamos fazem parte do acervo Darcy Ribeiro do Memorial Darcy Ribeiro, hoje na Universidade de Brasília. Algumas cartas de Darcy para Anísio podem ser encontradas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPEDOC), Arquivo Anísio Teixeira (www.fgv.br/cpdoc). Agradecemos a família de Anísio Teixeira e a Fundação Darcy Ribeiro, respectivamente, a Anna Christina Teixeira Monteiro de Barros e Paulo Ribeiro, que gentilmente permitiram a publicação dessas cartas neste primeiro número de 3º Milênio: Revista de Sociologia e Política.



RIBEIRO, Darcy (Vice-Diretor do INEP). Carta a Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1960. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A.

Rio de Janeiro, 25 de junho de 1960.

Mestre Anísio:

A assistência inteligente de que fala Baronto é tarefa muito leve porque nada tenho feito no INEP, senão comparecer e assinar aquela papelada. Nas próximas semanas pretendo empenhar-me mais em conhecer a casa. Para isso marquei dias certos para falar com cada responsável por setor.

O único problema que tivemos foi o da passagem pleiteada para o filho do nº 1. Felizmente, evitamos o saque sem criar dificuldades.

A conversa com o Lott foi animadora. O homem é ingênuo, mas armado de um sadio bom-senso que infunde confiança e parece mesmo disposto a assegurar mais alta prioridade à educação. Falou até em inverter a ordem de importância estabelecida por JK no programa de metas. Vamos tomar as palavras dele ao pé da letra e fazer delas um compromisso público no documento programático que estamos elaborando. Sobre isto, aliás, devo dizer-lhe que o esboço mandado pelo Jayme me pareceu muito ruim.

Estive dois dias no Recife onde encontrei Gilberto de malas prontas para a Europa e feliz com a perspectiva de encontrá-lo em Paris. Na próxima semana irei à Brasília para tratar da nossa Universidade. Desta vez precisarei falar com o Presidente porque Israel conseguiu convencer o Clovis de que é bom negócio abrir mão do terreno previsto para a Universidade em troca de área muitas vezes maior a 40 quilômetros de distância. O Ministro interessou-se pelo negócio porque segundo argumentação de Oliveira Junior, Universidade boa precisa de pilha atômica que é coisa perigosa perto de cidade, e precisa, também, de extensas pastagens para o ensino de veterinária... e outros usos.

Tudo aqui corre bem, Lacerda nos xingando muito, Flexa Ribeiro querendo jantar comigo e Moura Andrade disposto a refazer toda a Lei de Diretrizes e Bases no Senado.

Meu abraço sempre amigo

Darcy

RIBEIRO, Darcy (Ministro da Educação e Cultura). Carta a Anísio Teixeira. Brasília, 6 de novembro de 1962. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A.

Brasília, 6 de novembro de 1962

Ilmo. Senhor Dr. Anísio Teixeira:

Procuramos fixar o estado atual da educação, da ciência e da cultura no Brasil, o Ministério está providenciando a publicação imediata de um anuário.

O estudo sobre o primeiro daqueles aspectos, a educação, ninguém o fará melhor do que V. S^a, daí a razão por que solicito para o anuário a sua colaboração.

Seria desejável um trabalho de aproximadamente vinte e cinco páginas, que conto seja entregue até o próximo dia 16, para que a publicação possa ser ultimada ainda este ano.

Renovando-lhe as expressões do meu mais alto apreço, apresento-lhe atenciosos cumprimentos

Darcy Ribeiro

TEIXEIRA, Anísio (Diretor do INEP). Carta a Darcy Ribeiro. México, 2 de março de 1963. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes. DR cg c TEIXEIRA, A.

México, 2 de março de 1963

Meu querido Darcy – estou a escrever-lhe do México, embora o papel seja do Hotel Roosevelt de NY. Terminamos hoje a sessão do CHEAR, que se realizou com extrema cordialidade. Devemos voltar amanhã para N.Y., onde acertaremos o programa dos próximos três meses. Distribuí o nosso folheto da UnB pelos Bravos Ahujas, do México, Meredith Wilson, de Minnesota, Murphy de UCLA (Los Angeles), Arias da Guatemala, Bethancur de Colômbia, Perkins de Cornell e Cassinoni de Uruguay. Todos, encantados com a apresentação da U. Brasília. Os Cassinoni – Mario R. Cassinoni e Fanny, sua senhora – reitor, como sabe, da Universidade da República do Uruguay, resolveram visitar Brasília e nossa Universidade. São grandes amigos nossos e muito gostaria que V. os recebesse pessoalmente. Bertha ficará encantada com Fanny. Devem eles chegar à Brasília, seguindo do Rio, no dia 16 de março e partir para São Paulo no dia 18, quando serão hospedes dos Cintras. Chegarão ao Rio no dia 15 à noite, ficando de passagem no Hotel Glória e embarcando no dia 16 no primeiro avião para Brasília. Como de San Juan (Puerto Rico) não podiam conseguir um avião direto para Brasília, tem de passar a noite no Rio, não podendo assim antecipar-lhes o avião em que seguirão.

Ainda estaremos com eles em NY e se pudermos dar maior precisão lhe darei, porque de fato desejaria que V. os rodeasse com a sua proverbial hospitalidade, sua e de Bertha. São com efeito gente muito boa e ficamos muito amigos. Estamos, Emilinha e eu, ainda meio gripais mas espero que nos recuperemos breve. Com muitas e muitas saudades, para Bertha e você, somos os seus **Anísio e Emilinha**.

TEIXEIRA, Anísio (Diretor do INEP). Carta a Darcy Ribeiro. México, 7 de março de 1963. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes. DR cg c TEIXEIRA, A.

México, 7 de março de 1963

Caríssimo Darcy – Somente esta semana recebi os documentos que me enviou. São exaustivos. No México, conversei sobre a nossa UnB, mas a reunião não era para problemas concretos. Devo ir à Harvard, Minnesota, Michigan, Chicago e Washington, quando espero ter oportunidade de tratar dos nossos assuntos de modo mais específico.

Esta carta é sobretudo para lhe confirmar que os Cassinoni – Reitor e senhora – da Universidad de La Republica, Montevideo, deverão chegar aí no dia 18/03 pela Pan American, voo 201, para Brasília. Peço, como já lhe disse, que os receba como bons amigos nossos. A sua viagem faz parte do programa de intercambio da CHEAR (International Institute of Education) entre as diferentes universidades do continente. Dado Brasília ainda não ser muito simples, muito apreciaria que V. mandasse recebê-los e hospedá-los no Nacional. Acredito que Bertha irá gostar de Fanny. Com as saudades e abraços de sempre para Bertha e você de Emilinha e meus, aqui fica o muito amigo **Anísio**.

RIBEIRO, Darcy (Carta do exílio). Carta a Anísio Teixeira. 11 de novembro de 1964. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A. e em Fundação Getúlio Vargas/ CPDOC – Arquivo Anísio Teixeira. ATc 62.04.24/3.

11/11/64

Meu querido mestre Anísio:

Só agora ousou escrever-lhe pelo temor que tinha de ainda mais comprometê-lo. Uma das coisas que mais me doeu de tudo que passou foi ver repetir-se, pela segunda vez, sôbre sua cabeça a onda de despotismo. E, também, o pouco que conversávamos nos últimos meses em que vivia naquela sofreguidão, freqüentemente sem o valor de enfrentar os problemas com o senso justo. Bem sei das dificuldades que lhe criei com minha impaciência. Isto é

tanto mais grave porque se me perguntassem pelo encôntro mais importante de minha vida, eu diria que foi o nosso encontro. O senhor não avaliará o quanto eu lhe devo e como sou consciente de que em educação nada mais fiz do que pôr meu dínamo de agitação, zumbindo em tórno de suas idéias.

Vivo aqui na mesma correria de sempre. Dou um curso de antropologia na Universidade com que me mantenho; escrevo um livro, mas me ocupo principalmente de política. E é duro, querido, o sentimento de frustração que dá ver que nem depois de sete meses de exílio impostos por uma ditadura, nem assim conseguimos unir as chamadas forças progressistas, divididas hoje como ontem em bandos mais hostis uns aos outros, do que ao inimigo comum.

Somos uma liderança bem ruinzinha. No poder nos comportamos como candidatos em campanha eleitoral, disputando uns aos outros um esquerdismo vazio. No ostracismo, ficamos a depender de que outros nos chamem novamente ao cenário, sabendo que muito pouca saudade deixamos do poder contraditório que exercemos. Valeu a pena? Que ficou da experiência? Um amadurecimento no povo da consciência do atraso e da deliberação de progredir através das reformas? O descaramento da aliança da oligarquia nacional com o imperialismo?

O certo a meu ver, é que nenhum govêrno teve maiores chances de conciliar e de compôr-se com a oligarquia para conservar o poder, nem se esforçou mais, apesar das contradições, para acertar, enfrentando problemas capitais. A luta está aberta, agora já não obrigatòriamente pelo caminho pacífico. Trata-se, doravante, de forçar as transformações indispensáveis por qualquer caminho e sem quaisquer aliados, já que a Aliança em que tantos confiavam, faliu redondamente.

Que é feito dos liberais ianques? Daqueles que apreciavam o “New Deal” e o Kennedy dos primeiros meses? Nossa atitude é tão próxima a deles que sua ausência e seu silêncio nos deixa isolados. Quem é mesmo êsse vice-presidente eleito? Teria valor para liderar um movimento que nos permitisse sair do dilema de escolher entre a condenação a nos resignarmos com a miséria ou o caminho soviético do desenvolvimento? Todos saudamos em De Gaulle a possibilidade de uma aliança para trilhar êste terceiro caminho. Fracassada a América na tarefa histórica de criar modêlos congruentes de desenvolvimento, a nós, brasileiros, é que caberá fazê-lo, dentro dos valores democráticos, se for praticável, de qualquer modo se inevitável.

Gostaria imensamente de lhe falar e de ouvir sua apreciação sôbre os acontecimentos, porque estou certo de que uma compreensão clara da experiência vivida é indispensável para irmos à frente. Apesar de tudo, encontro o peito cheio de esperança de voltar logo e retomar o processo. Conversando com JK em Paris, êle me lembrava que tem 63 anos e Jango só 46 e que dentro de 10 anos será ainda mais nôvo do que ele agora.. Respondi que minha conta não era por décadas, nem por anos, mas por meses. A razão me diz que não é assim, mas um élan que não sei de onde vem me está dizendo que breve estaremos mandando a gorilada embora e retomando posição lá dentro pra prosseguir na luta.

Tenho acompanhado por cartas e jornais o ambiente em nossa universidade e a

perseguição aos colegas do Rio, de S. Paulo, Porto Alegre, numa odiosidade sistemática à cultura. Pelo que sei nossa casa começa a reagir, o pessoal de ciência começa a chegar e vai dando substância à instituição. Se não faltar um mínimo de recursos, nossa UNB sobreviverá sem deformações insanáveis. Soube, por exemplo, que nossos jovens instrutores completaram o mestrado, o que é bom sinal. Prosseguem as obras do minhocão, embora a ritmo tão lento que levaria dez anos para concluir-se. Mas muito antes lá estaremos para pôr o pé no acelerador. Zeferino muito policial nos primeiros dias, quando fêz prender muita gente para agradar os militares, está agora, procurando fazer média para o futuro como bom-moço.

Querido. Mande-me notícias. Abrace por nós à Emilinha e não me queira mal por meus exageros.

Darcy

TEIXEIRA, Anísio (Teachers College Columbia University). Carta a Darcy Ribeiro. New York, 14 de dezembro de 1964. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cc TEIXEIRA. A.

Dezembro, 14, 1964

Meu querido Darcy – a alegria que nos trouxeram sua carta de 11 de Nov. e a de Berta de 30 de Nov., somente recebidas na segunda feira, 11 deste, foi tão grande, que depois de relê-las com os Wagleys, combinamos o encontro com a irmã de Berta e lá passamos a tarde de ontem, recordando os amigos, conversando sobre o Brasil e nos sentido ali ligados, como em família, ao período tão bruscamente interrompido em abril passado.

Durante todo esse tempo, não deixamos de ter suas notícias, mas sempre indiretas, nem uma vez tendo podido estar com alguém que os tivesse visto. Soube que Cassinoni, meu bom amigo do CHEAR, já não é Reitor, mas, acredito que ainda os encontraram no cargo. Quando estiverem com ele não deixem de nos lembrar a ele e Fanny, de quem Emilinha não se esquece nunca.

Não sei o que dizer nesses últimos meses. Ao vêr repetir-se, quase vinte anos depois, a situação de 36 e o mesmo panico historico tomar conta de nossa velha sociedade, confesso que, a despeito de meu pessimismo, surpreendi-me. Por mais que considerasse difícil a mudança social nas estruturas latino-americanas, não as julgava tão graníticas. Parece que a nossa velhice geológica conseguiu uma correspondência com o gneiss social assim de repente posta à mostra. Porque pode o exército, de certo modo de composição democrática, revelar-se assim tão distante do amalgama cordial e flexível que é afinal o povo brasileiro? Bem sei que toda mudança social profunda dá a idéia de uma perda de identidade, mas, estamos tão longe disto, que custa-me compreender a intensidade do mêdo que sacudiu as estruturas

paleolíticas da nossa filistinica classe media. Sobretudo, porque são elas tão paleolíticas? Será que o velho mêdo da floresta e das feras pode ficar assim aderido ao psiquismo tropical, que toda cultura moderna pode apenas revesti-lo mas nunca modificá-lo? Estou talvez fazendo uma injustiça aos nossos mêdos ancestrais possivelmente menos estúpidos que o mêdo de hoje das sociedades latino-americanas.

De qualquer modo, a minha maior surpresa foi esse mêdo. A princípio, não o tomei a sério e estava dispôsto a ficar no Brasil. Depois de comparecer a três inquéritos, inclusive o impagável peculato do Ipase (como sabe, estou com V. indiciado como peculatório), achei que seria demasiado desagradável e assim eu aceitei os convites da Columbia e da Califórnia. E aqui estou, mas, devo confessar, com um irreprimível sentimento de exílio. A minha defesa, no período de 36, consistiu em desligar-me totalmente da tarefa anterior. Lembra-se que me fiz comerciante e, durante dez anos, não li um livro de educação. Hoje, porém, continuo dentro do ofício, como chamar?, de intelectual e o desconforto é muito maior. A vontade que tinha era a de tudo abandonar, voltar ao sertão e deixar-me levar pela vida, esquecido desse veneno ocidental de esforço e da ação.

Deixemos, porem, isto e voltemos à sua carta e à vibração. O seu otimismo e a sua mocidade fazem-me bem. Nos ultimos tempos, estava no Brasil muito impressionado com a distancia entre as gerações e olhava para os seus 40 anos com reverencia e assombro. Com o nosso quarto de seculo de distancia entre um e outro, numa epoca de transição como a nossa, tenho mais a aprender de Você do que Você de mim. Possa Você estar certo em suas esperanças. Olhando os fatos da minha recuada posição de sexagenario, considero a perspectiva mais melancolica do que alvissareira. Tenho a impressão que vamos entrar num período de consolidação entre os países desenvolvidos e num período de contensão nos países sub-desenvolvidos ... Para a América Latina, o modelo são Espanha e Portugal. Para a África, o modelo será a América Latina. Vão repetir a experiência de nossas falhadas revoluções do século XIX. Resta a Ásia, que me parece mais enigmática. Seus povos, contudo, têm mais longa experiência de civilização.

Dir-se-á que nada disto será possível. Que a explosão demográfica e a difusão cultural irreprimível farão crescer cada vez mais a pressão das aspirações e das expectativas e o mundo será inevitavelmente conduzido à industrialização e á modernização. Reconheço que essa possibilidade existe, mas estaria ela condicionada a um fenômeno de organização das multidões infelizes, que não vejo como se processar. Inorganizadas, tudo que poderão fazer será anarquia ou caos, e anarquia e caos são fáceis de reprimir e justificativa para as ditaduras. E as ditaduras são algo de terrivelmente eficaz. Sem apoio externo contra elas, tenderão a se eternizar, como se estão eternizando na Espanha e em Portugal. Ora, com a prosperidade crescente dos países desenvolvidos, eles acabarão se unindo num esforço comum para compressão do mundo sub-desenvolvido e entraremos num novo vitorianismo, semelhante ao que sucedeu no século XIX e somente se rompeu com a primeira guerra mundial. A guerra fria é uma espécie de exercício para a paz do tipo da paz romana, uma paz de força e de silêncio, mas deliciosa para os povos dominantes.

Por onde, porem, pode espreitar alguma esperança? Talvez, no desenvolvimento do

conhecimento e da tecnologia. O mundo está cada vez mais sob a ação de engenheiros e mecânicos, servidos por conhecimentos cada vez mais espantosos. Até hoje tem sido eles, uma força reflexa e não direta. Executam os propósitos dos políticos das sociedades como elas são. Será que uma espécie de managerial revolution irá tomar conta do mundo e assim como os acionistas (os capitalistas) já não mandam na General Motors ou na United Steel, acabem os engenheiros – entendido esse termo no mais lato sentido – substituindo os políticos ou pondo os políticos ao seu serviço? Seria a lógica da ciência e de sua aplicação a substituir a lógica das ideologias. Dizem ser isto o que está sucedendo na Rússia e já sucede aqui – em relação, pelo menos, ao problema da produção. Seria uma forma meio marxista de compreender a produção. Desenvolvida a sua técnica, essa técnica conduziria o mundo. Isto lembraria o que sempre disse que o Brasil chegaria á riquezas no dia em que essa riqueza fôsse algo de tão automático, que lhe pudesse ser imposta sem exigir esforço individual.

Não lhe queria escrever carta tão nihilista e tão em desacordo com o seu espírito. Mas foi isto que me ocorreu nessa conversa escrita que estou tentando com Você. Em minha próxima carta serei menos abstrato. A sua carta me encheu de saudades e as saudades deram-me esse tom melancólico. Vou escrever a Berta carta mais razoável. Grande e saudoso abraço do muito seu **Anísio**.

RIBEIRO, Darcy (Cartão de natal do exílio). Cartão a Anísio Teixeira. Natal de 1964. Localizado do Documento: Fundação Getúlio Vargas/ CPDOC – Arquivo Anísio Teixeira. AT 1962.04.24/3.

*Queridos
Anísio e Emilinha*

*10.000 famílias de perseguidos
iluminam a noite da ditadura
com sua certeza do amanhecer
que já se anuncia.
Abraços, boa sorte, saudades*

*Darcy
Natal 1964. Montevideo.*

TEIXEIRA, Anísio (Columbia University/ Institute of Latin American Studies). Carta a Berta Ribeiro. México, 25 de dezembro de 1964. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes. DR cg c TEIXEIRA, A.

25 Dez. 1964

Caríssima Bertha: estou aproveitando um tranqüilo dia de Natal em NY para responder à sua gratíssima carta de Nov. Foi uma tal satisfação ter notícias diretas de Vocês! Sabíamos que estavam bem mas faltava-nos a notícia pessoal. Hoje mesmo vamos passar o dia com sua irmã que já nos disse que tem um peru de 14kls nos esperando... Depois, iremos para a casa dos Wagleys. Em janeiro, encerraremos o semestre de Columbia. Está-se vivendo aqui um período de tal prosperidade, que tudo se esbate no que insisto em chamar uma espécie de neo-vitorianismo. A própria eleição de Johnson com sua espetacular vitória, não produziu nada que se parecesse com pequena vitória do Kennedy. A política é a do consenso. E consenso já foi definido como maioria massiva, ou seja, acima de 60%. Essa grande maioria deseja, acima de tudo, status-quo, calma, business as usual... E a prosperidade ajuda; e ajuda esmaecer mesmo os problemas, que seriam agudos: desesseguração, Vietnam, Congo, UK. ... Há um clima de acordo generalizado, a respeito de aparente vehemência, e Washington pressiona como um colchão de absorção de choque, sob a presidência de um Johnson de centro, tranqüilo e gradualista. Não tenho assim muita coisa a contar do semestre. O tom intelectual lembra o tom político: tudo é crescimento, é prosperidade, mas, é sobretudo, moderação e consolidação. Para quem não é determinista, chega a ser desconcertante o modo porque, como a prosperidade, pressiona esta imensa sociedade... coletiva, super-organizada, eficaz. Da Europa, chegam notícias semelhantes... Resta o problema da distância crescente entre desenvolvidos e os sub-desenvolvidos, mas, a experiência de sofrer é tão grande, que os ricos bem poderão afinal conseguir aquietar os pobres. Vamos vêr, mas este é o climate of opinion por estas alturas, de New York... .

É possível que demos um salto ao Brasil antes de seguir para Califórnia. Lá terei um seminário analisando a educação nas Américas – o caso dos EEUU é realmente extraordinário como resultado de um *laissez-faire*, que não se imaginam poder produzir o que produziu. E no resto da América, o statu-quo, a estagnação, ou o crescimento puramente quantitativo, sem mudança alguma de estrutura... agora ameaças de consolidação também com o surto militarista. Junto um recorte do NYTIME, com a reação de Frei do Chile ante essa onda gorilista. Que fazer? Estudar, ter planos prontos para quando a mudança for possível? Para quem está velho, como eu, é melancólico. Possam Vocês, moços, manter o ânimo. Até breve. Emilinha muito lhe agradece a carta. Como a vós pensamos nos netos que viermos a ter.

Em junho deveremos voltar ao Brasil, contando residir em Brasília. O Carlinhos, no Rio, bem e voltando-se mais para o preparo profissional. P.A. e Baby no Chile, mas ainda incertos quanto a estudos ou trabalhos. Marta e Mario, com os filhos bem numa Brasília

que lhes parece terrivelmente parada. Da UnB, não tenho tido notícias; mas o medo é a nova fachada para a mesma velha casa de sempre. Esqueçamos porem tudo isto para lhes desejar um ano novo diferente e com renovadas esperanças. Saudades nossas e muitas abraços de **Anísio e Emilinha**.

P.S. Recebemos hoje pelo Wagley os cartões de Darcy e seu. Possam suas esperanças e seus votos se realizarem. Nós renovamos de todo coração esses votos e lhes desejamos a continuação dessa segurança e dessa fortaleza de ambos. Não vejo porém sinais de fraqueza no establishment e o povo continua inorganizado e passivo, embora o gov. de Jango tenha começado a dar-lhe consciencia.

TEIXEIRA, Anísio (Univerty of California). Carta a Darcy e Berta Ribeiro. 8 de maio de 1965. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/ Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A.

8 de maio de 1965

Queridos amigos: foi uma grande alegria a sua carta de abril. Temos tido suas notícias mas faltava a carta pessoal, o sentimento do reencontro. É ótima a ideia do livro. Esses períodos de exílio produzem às vezes análises que jamais seriam possíveis, sem a distancia que as diásporas criam. Andei também a pensar num estudo comparado das duas culturas das Américas, mas, à medida que leio cresce o meu sentimento da dificuldade do estudo. Que venha O Dilema Brasileiro! Marcos tem a responsabilidade de sua geração. Gosto de pensar que a velhice nos afasta do futuro e daí a distancia entre as gerações. Os mais novos vêm mais longe. E o livro poderá ser essa visão. O importante é a atitude de aceitar o desafio e responder às dificuldades “de peito aberto” como V. diz.

Por aqui andamos a viver materialmente no futuro e intelectual e politicamente em pleno século XIX. Os melhores, entre os dominantes, são os que consideram que os EEUU tem de aprender o velho jogo dos Great Powers, que antecedeu, lembram-se, a primeira guerra mundial e se comportar como um dos Great Power e não o unico Great Power. Essa é a posição do Walter Lippman e é a mais liberal. Fóra disto é o sentimento infantil de onipotencia dos Goldwaters, de que o Johnson é uma edição moderada. É triste viver-se dentro da explosão contemporanea de conhecimentos e não se lobrigar saída desse estado tribal da mentalidade política de grande potencias, areas de hegemonia e espírito de luta. Dizem que as aves é que são precursoras desse espírito de domínio territorial, de espírito de terreiro... As aves passaram-nos aos mamíferos e entre esses o velho selvagem humano ficou o mais obsessivo.

Não me passou pela vista o livro de James Boggs mas é evidente que ele se esqueceu desse aspecto, pelo qual se vê que a sociedade humana é primeiro de guerra e, depois, de trabalho. Se o trabalho vae se extinguir, ficará a guerra, a guerra para ocupar os homens. É

realmente triste. O Riesmann tem um trabalho sobre a *affluent society*: *Affluence for What?* Será mesmo para a guerra?

Enquanto escrevia esta, chegou-me carta de Pericles, com recortes de jornais sobre a pequena e morbida intriga brasileira. Parece que está a recrudescer a crise militarista. É o mesmo fenômeno internacional na esfera de quintal. Sempre, no fundo, o sentimento de onipotencia. Se tenho a força, porque todo o mundo não me obedece? E toda a vida humana não é mais que uma luta contra esta obsessão infantil!

Devemos voltar ao Brasil em junho. Emilinha irá pelo Chile, para vêr a chegada do quarto neto, a “gringa”, como a está a chamar a Baby. Eu irei diretamente para o Brasil, se é que daqui até lá, alguma coisa de pior não vier a acontecer. O Frondizi me escreveu perguntando-me se não gostaria de passar um ano na Univ. de Buenos Ayres. Confesso que ando velho e cansado e me valeria muito mais voltar ao país e, talvez, deixar-me ficar em Brasília. Mas, quem sabe? Talvez não o possa fazer e tenha que rodar pelo estrangeiro. Se voltar também eu por Santiago, farei o possível para vêr se os poderei ver. Não tenho tido notícias sinão indiretas de muitos amigos do Brasil. Só me escrevem o Pericles e o Jayme Abreu. O resto é silencio. E como não se tem muito viva a disposição para se escrever, vae-se deixando o tempo correr. Que o Marcos não perca o gosto pelo livro, estes são os meus votos de coração. Receba Berta, a nossa grande e constante saudade e os nossos abraços de sempre para Marcos e Valdir e demais amigos. Soubemos aqui que a filha de Jango foi acidentada e pedimos que lhe apresente as nossas visitas. Seus de sempre,

Anísio e Emilinha.

TEIXEIRA, Anísio. Carta a Darcy Ribeiro. Santiago, 22 de julho de 1965. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A.

Santiago, 22 de julho de 1965

Queridos Berta e Marcos: a sua carta de 10 de junho, recebi-a retransmitida de Los Angeles, que deixei no dia 18 de junho. Encontrou-me aqui doente e de cama. A velhice chegou-me definitivamente com esse golpe na saúde, depois da experiência — que não deixou de ser árdua — do meu curso em inglês na Universidade. Fiquei meio esgotado e ajudei com isto a confirmação do velho: *Senectus morbus est*. Só há uma semana me levantei e começo a retomar as atividades. Nesse período nasceu o André, o segundo filho da Baby, que ontem fez o primeiro mês e está ótimo em sua experiência deste difícil mundo. Difícil é um conceito do velho avô, que já olha para ele com um vago ante-gôsto de deixá-lo. Nesse estado de espírito, devem compreender como até para correspondência começa a faltar o animo.

Entretanto, devo dizer, o convívio com os asilados está sendo nada menos do que

estimulante. Estão todos em plena exaltação e nada amargos. O ambiente é muito melhor do que o da bela e mortalmente conservadora Califórnia, que deixei, deprimido e mergulhado nas graves apreensões do perigo de guerra. Estou hoje convencido de que para se retomar o sentido de esperança é melhor estar entre os sub-desenvolvidos, do que participar da atmosfera dos super-desenvolvidos, tomada que se acha essa atmosfera de um irracional e desesperado pavôr, tão bem acentuado nos casos de São Domingos e Vietnam.

Deixemos porem essa area da tragedia do nosso tempo para as noticias pessoais. Estou me preparando para deixar o Chile e voltar ao Brasil. Infelizmente o avião não passa por Montevideu. O meu proposito é recusar os convites que tenho de voltar aos Estados Unidos e ficar em nossa terra, e curtir com ela a sua penitencia que, esperemos, venha a frutificar em, se não renovação, amadurecimento. Emilinha ainda ficará por aqui, acompanhada de Baby com o André. O Paulo Alberto, já identificado com o Chile, achase envolvido em programas culturais de televisão (afinal o Chile tem uma espécie de BBC com a sua estação, digo canal da Universidade) e fazendo, com entusiasmo, o curso de especialista em educação. Alem disto, mantem, com um grupo de primeira ordem, uma espécie de seminário sobre o Brasil e o seu desafio contemporaneo. O exílio está sendo um longo período de analise. Estão re-pensando o Brasil. Que falta lhes está fazendo o Marcos! Como vae o livro? O Fernando Henrique disse-me que achou otimo o estado de espírito de vocês ambos. Antes assim.

A noticia da morte de Cassinoni muito me entristeceu. Escrevi ha uns dias a Fanny, mas, com a greve ai dos correios, não sei se a carta foi recebida.

Não cheguei a receber o convite do Dr. Crottogini, mas, confesso que não o poderia aceitar, não só por não me achar com o necessário estado de espírito para conferencias, como porque não tendo atendido antes ao Cassinoni, que me convidou três vezes, não iria faze-lo agora, logo depois de sua morte.

Devo estar no Brasil na proxima semana. Se tudo estiver bem, pretendo vêr se aceito o pedido da Editora Nacional de reeditar meus livros de escritor ocasional. Para reeditá-los terei que proceder a uma revisão, pelo menos, a fim de retirar aquilo que é demasiado circunstancial.

Sei que do Brasil ainda será mais difícil o contacto com Vocês, mas espero poder ter suas noticias. De qualquer modo sei que sabem como os acompanhamos com o coração e o pensamento. Emilinha, Paulo Alberto e Baby juntam-se a mim no abraço muito saudoso e nos votos pela continuação da soberba fortaleza do casal. Os velhos amigos de sempre

Anísio e Emilinha

RIBEIRO, Darcy (Carta do exílio). Carta a Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, 28 de março de 1966. Localização do Documento: Universidade de Brasília/Memorial Darcy Ribeiro/ Série correspondência geral. Subsérie correspondentes: DR cg c TEIXEIRA, A. e em Fundação Getúlio Vargas/ CPDOC – Arquivo Anísio Teixeira. ATc 64.04.24/3.

28.3.66

Mestre Anísio

Recebi sua carta, mais amarga do que devera com a vida que aí ao lado de Emilinha e de Baby, fruindo as doces funções de avô e, sobretudo, repensando a universidade dos povos pobres. Seu amargor não é erradicável, meu caro. Ele lhe vem de se ter feito a conscientização mais aguda do nosso processo de ruptura com o passado. E como a consciência de um guri que pense o trauma do seu próprio parto. Nos outros, os inscientes, mergulhamos no jôgo bruto, nos entorpecemos no elan da própria luta, respondendo à ofensa e à estupidez com outras ofensas e brutalidades, movidos pela certeza de que o amanhã será melhor do que o hoje e o ontem e, inexoravelmente, mais parecido com nossa postura do que com qualquer outra do nosso tempo.

Mas lhe confesso que também tenho amargado muito a deterioração do sistema e dos valores em que sempre acreditei, que dão sentido à minha vida e que vemos degradarem-se irremediavelmente no agravamento do conflito sino-soviético, na boçalidade de Fidel, na bestice das esquerdas chilenas, empurrando a juventude democrata-cristã para a direita. Estamos ficando sós, meu querido, os que nos dizemos herdeiros do patrimônio humanístico. A condenação dos dois escritores soviéticos e um sintoma assustador: por um lado, revela o vigor da nova ordem moral, capaz de cobrar do intelectual uma responsabilidade ética; por outro, desmascara a burocracia que se fez guardiã do patrimônio ético e que pretende filtrar seus juízos, o bem e o mal. A Rússia conseguiu, como sua façanha maior, infundir em multidões um corpo de ideais generosos em nome dos quais as mobiliza para o combate ao atrazo e à pobreza. Isso é muito melhor do que o empaturramento material e próspero, sem mensagem, de que se alimenta a juventude alemã ocidental ou a yankee. Mas é também uma nova Idade Média, homogênea em suas crenças e disciplinada por guardiães da tradição. Respondo a isto e à perplexidade em que poderia cair, com a crença de que nos cabe a nós, a intelectualidade dos povos morenos e pobres, a função de nos fazermos o nôvo sal da Terra. Tendo tarefas específicas de luta contra o atrazo e a miséria que nos aquecerão o peito por décadas, nós, os deserdados e discriminados que não possuímos bombas, temos uma autoridade moral de importância decisiva neste mundo em crise de valores. E precisamos usá-la. Podemos entrar no diálogo do homem com uma postura mais sólida, com autoridade para exigir o internamento dos loucos-donos-da-bomba; de exigir dos chinos e dos soviéticos fidelidade às lealdades humanísticas de que se dizem herdeiros.

Porque o senhor não escreve uma carta de pito geral, ecumênico? Fale em nome de W. James, de Dewey aos yankees, e de Lenin e plekanoff aos russos, de uma dezena

de humanistas deles próprios aos franceses e ingleses. E fale como caboclo do sertão sanfranciscano, último rebento de romanidade.

Estou acabando minha sinfonia xingatória sobre a destinação dos povos americanos. Resultou em dois livros: O Desafio Americano e Ordem versus Progresso. Ainda me ocuparão uns meses de trabalho, mas já estão montados naquela base da só coragem de tentar acertar, aceitando todos os riscos de incorrer em êrros e injustiças. Eu os escrevo como um ato de combate para serem ingredientes da luta. Vou tentar mandar uns capítulos para sua crítica.

Estou também trabalhando numa tarefa semelhante à sua, junto à Universidade. Com poucos recursos materiais e humanos, mas com muito entusiasmo. Precisamos dar ao professorado jovem e combativo – sobretudo o pessoal de ciências – e ao movimento estudantil, os instrumentos do que jamais dispuzeram para usar seus poderes de co-governo da universidade, a fim de aprimorar a ela própria e fazê-la melhor servir ao desenvolvimento. Mando junto um primeiro esboço de como vejo o problema. Neste momento estou preparando os instrumentos para a pesquisa preliminar que nos dará elementos para o diagnóstico. Depois virão as tarefas críticas e, afinal, a criação do novo modelo de ordenação com o plano orientador para a transição.

Quando nos veremos? Me faz uma falta enorme não tê-lo próximo para aquelas nossas conversas. Abraços saudosos, do seu

Darcy

Yolanda Lôbo

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF.

Instruções aos autores

A colaboração na revista está aberta a docentes e pesquisadores que desejem publicar trabalhos originais relacionados à Sociologia e a Política. Os artigos serão submetidos à apreciação da Comissão Editorial que pode solicitar parecer a especialistas da área com o propósito de verificar a adequação de seu conteúdo aos objetivos da revista.

Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política também publica documentos, resenhas e notas de leitura. As resenhas não devem ultrapassar dez mil caracteres com espaços e as notas de leitura cinco mil caracteres. A indicação da referência bibliográfica completa da obra resenhada ou comentada é indispensável. A secção documentos objetiva divulgar textos coletivos e documentos inéditos de interesse para as Ciências Sociais.

NORMAS DE SUBMISSÃO

Os artigos, de total responsabilidade de seus autores, deverão respeitar as normas da ABNT (norma NBR 6023). A forma de apresentação dos originais deve obedecer aos seguintes requisitos:

1. O artigo deve ser digitado em Word, fonte times new roman, corpo 12, com no máximo 20 páginas (incluindo gráficos, tabelas, fotos, bibliografia), em espaço simples, com as seguintes margens: 2,5 superior, 2,5 inferior, 2,5 esquerda, 2,5 direita, no modelo A4, numeradas consecutivamente.

2. Na primeira página do artigo deve ser indicado o título (em maiúsculo) e subtítulos (se houver, minúsculo), alinhados à direita, em negrito, caractere 18 para o título e 15 para subtítulo. O nome do autor do artigo, da resenha ou do organizador dos documentos deve ser colocado no início do texto abaixo do título original, alinhado à direita, fonte times new roman 12 em itálico.

3. Os resumos do artigo escritos em Português e Inglês (abstract), em torno de 250 palavras, devem explicitar o(s) objetivo(s), métodos e principais conclusões. Os autores devem indicar três palavras-chaves em português e inglês (keyword).

4. As resenhas não devem ultrapassar quatro laudas.

5. As notas devem ser incluídas no final do texto em caractere 9 antes da bibliografia citada, e devem ser exclusivamente explicativas.

6. As menções a autores no corpo do texto devem obedecer à forma: autor, data, página.

7. Figuras e desenhos devem ser confeccionados eletronicamente e enviados também em arquivos separados.

8. Tabelas e gráficos devem ser numeradas e confeccionadas em Excel ou no próprio Word e enviadas também em arquivos separados do texto.

9. As referências bibliográficas devem ser apresentadas ao final do texto em ordem

alfabética pelo último sobrenome do autor de acordo com as normas da ABNT, e devem conter exclusivamente os autores e textos citados no trabalho.

Exemplos:

a. Para Livros

Sobrenome do autor (Maiúsculo) / VÍRGULA/ Seguido do nome (Maiúscula e Minúscula)/ PONTO/ Data de publicação entre parênteses /PONTO/ Título da obra (em itálico) / DOIS PONTOS (se houver subtítulo) / Subtítulo (se houver) / PONTO/ Edição, de forma abreviada e se não for a primeira/ PONTO/ LOCAL da publicação/ DOIS PONTOS/ ESPAÇO/ Editora/ PONTO

Exemplo: BOSI, Eclea. (1979). *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*. São Paulo: Biblioteca de Letras e Ciências Humanas

b. Para Artigos

Sobrenome do autor (Maiúsculo)/VÍRGULA/Seguido do nome (Maiúscula e Minúscula)/(SE HOUVER OUTRO AUTOR, REPETIR ESTA OPERAÇÃO SEPARANDO OS NOMES ATRAVÉS DE PONTO E VÍRGULA)/ VÍRGULA/ Data de publicação entre parênteses/ PONTO/Título do artigo/PONTO/Título do periódico (em itálico)/VÍRGULA/Local (sede de publicação da revista)/DOIS PONTOS/Entidade à qual a revista é vinculada/PONTO E VÍRGULA/Local da publicação/ DOIS PONTOS/ Editora/ Vírgula/ Volume do periódico (se houver)/ Número do periódico/ VÍRGULA/ Páginas correspondentes ao artigo/ VÍRGULA/ Mês (abreviado)/ PONTO.

Exemplo: PRZEWORKS, Adam. (1988). Marxismo e Escolha Racional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: ANPOCS. V. 3, n.6, p. 5-25, fe.

c. Para Coletânea

Sobrenome do autor do capítulo (Maiúsculo) /VÍRGULA/Seguido do nome (e Minúscula)/VÍRGULA/ Data de publicação entre parênteses /PONTO/ Título do capítulo /PONTO/ Escrever”In:”/ Sobrenome do organizador (Maiúsculo) /VÍRGULA/Iniciais do nome do organizador (SE HOUVER OUTRO ORGANIZADOR, REPETIR ESTA OPERAÇÃO SEPARANDO OS NOMES ATRAVÉS DE PONTO E VÍRGULA)/ Escrever, quando for o caso, “(Org.)”/ PONTO/Título da coletânea (em itálico)/DOIS PONTOS (se houver subtítulo)/ Subtítulo (se houver)/PONTO/Edição, de forma abreviada e se não for a primeira/ PONTO/Local da publicação/DOIS PONTOS, ESPAÇO/Nome da editora/ PONTO/Nome do tradutor, quando houver/ PONTO.

Exemplo: ROMÃO, José E. (1994), Alfabetizar para libertar. In: GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. (Orgs.). *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez.

d. Para Teses

Sobrenome do autor (Maiúsculo)/VÍRGULA/ Seguido do nome (Maiúscula e

Minúscula) /PONTO/ Data da defesa entre parênteses /Título da obra (em itálico) /DOIS PONTOS (se houver subtítulo) /Subtítulo (se houver) /PONTO/ Número de folhas/ PONTO/ Grau acadêmico a que se refere/ TRAVESSÃO/ Instituição onde foi apresentada/ VÍRGULA/ Local da publicação/ PONTO.

Exemplo: OLIVEIRA, D. B. B. (2011). *Das voltas que o mundo dá: família e homoparentalidade no Brasil contemporâneo*. 397f. Tese de doutorado em Sociologia Política – UENF, Campos dos Goytacazes.

e. Para Trabalhos apresentados em congressos

Sobrenome do autor (Maiúscula) / VÍRGULA/ Seguido do nome (Maiúscula e Minúscula) / PONTO/ Título do trabalho apresentado/ PONTO/ Escrever”In:”/ Nome do evento (Maiúscula) / VÍRGULA/ Numeração do evento (se houver) / PONTO/ VÍRGULA/ Data de publicação/ VÍRGULA/ Local de realização/ PONTO/ Título do documento/ Local de realização/ DOIS PONTOS/ Editora/ VÍRGULA/ Período de realização do evento/ VÍRGULA/ Mês (abreviado) / PONTO/ página inicial e final da parte referenciada/ PONTO.

Exemplo: MALDONADO FILHO, Eduardo. (1975), A transformação de valores em preço de produção e o fenômeno da absorção e liberação de capital produtivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 15. Salvador. Anais_ Salvador: ANPEC, 1-4, dez. p. 157-75.

f. Para Trabalhos em meio eletrônico

Sobrenome do autor (Maiúscula) / VÍRGULA/ Seguido nome (Maiúscula e Minúscula)/ PONTO/ Título/ PONTO/ Título do Periódico (em itálico)/ VÍRGULA/ Local da publicação/ DOIS PONTOS/ Entidade a qual a revista é vinculada/ PONTO E VÍRGULA/ Editora/ VÍRGULA/ Volume do periódico/ VÍRGULA/ Número do periódico/ VÍRGULA/ Data de publicação/ PONTO/ Disponível em/ DOIS PONTOS/ endereço eletrônico (entre os sinais < >) / PONTO/ acesso em/ DOIS PONTOS/ data da consulta/ PONTO.

Exemplo: SAVIANI, Dermeval. (2009), Acesso em: 01 mar. 2011. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED; Autores Associados, v. 14, n. 40, jan./abr. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413--24782009000100012&lng=pt&nrm=iso>.

10. Dados dos autores: Ao final do texto o autor deve também registrar dados relativos à sua maior titulação, instituição, bem como indicar o endereço eletrônico e endereço completo para correspondência.

11. O artigo deve ser enviado através de endereço eletrônico (mileniocrsp@gmail.com)

12. O envio de qualquer colaboração implica automaticamente a cessão de direitos autorais a **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**.